



**ANAIIS DO III ENCONTRO DE DISCENTES DE HISTÓRIA DA UNIFAP**  
**22, 23, 24 e 25 de agosto de 2017**  
**Macapá, Ap**

**UMA ABORDAGEM HISTORIOGRÁFICA DAS PRÁTICAS DE SEPULTAMENTO**  
**ENTRE OS SÉCULOS XVIII A XIX: ESTUDO DE CASO DA IGREJA DE**  
**MAZAGÃO VELHO**

FERNANDO RODRIGO\*

JELLY JULIANE SOUZA DE LIMA\*\*

O estudo sobre a morte inicialmente foi um campo privilegiado para a filosofia e Antropologia. No entanto, é após a segunda Guerra Mundial que o tema da morte ganha força na historiografia contemporânea e publicações especializadas de historiadores proliferam no meio acadêmico. Esta apresentação tem como objetivo inicial mostrar a partir de um breve percurso na historiografia brasileira como a prática de sepultamento dentro de igrejas entre os séculos XVIII e XIX era diversificada. Em seguida como estudo de caso, é feita uma relação do presente tema com as ruínas da antiga igreja de Mazagão Velho, onde escavações arqueológicas permitiram encontrar vários sepultamentos. Como o presente estudo ainda é exploratório, posteriormente pesquisas in loco serão feitas na comunidade de Mazagão Velho com o objetivo de relacionar o imaginário que essa comunidade tem em relação aos remanescentes humanos encontrados na antiga igreja.

**Palavras-chave:** Arqueologia histórica. Igrejas. Sepultamentos. Imaginário

---

\* Bolsista de Iniciação Científica CEPAP/UNIFAP

\*\* Mestre em Arqueologia UFRJ e arqueóloga CEPAP/UNIFAP



## INTRODUÇÃO

*“(...)os mortos dormem esperando a ressurreição para o paraíso dos cristãos”  
(ARIÉS, 1981, p. 25).*

Na Europa, o berço do cristianismo ocidental, as práticas de sepultamentos no interior das igrejas foi abolida no século XVI, em decorrência da política de salubridade pública e da falta de espaço para abrigar os corpos. Diferente da Europa, no Novo Mundo, devido os atrasos intelectuais em que se encontrava a então colônia brasileira os desafios desta instituição visavam garantir o território português e a propagação da fé católica com a conquista de fiéis para seu rebanho.

Cabia a igreja fazer a mediação de aproximação entre os indivíduos e a santidade. Parte desta aproximação estava relacionada com as práticas de sepultamentos, onde cabia à igreja ser a intercessora junto aos santos para que o morto tivesse garantida sua salvação. É desta forma, que no Brasil entre os séculos XVIII e XIX, as igrejas passaram a ser o espaço sagrado nos quais eram depositados os mortos e, embora inicialmente tais espaços fossem mais comumente destinados aos membros da igreja como o clero, com o tempo criaram-se as condições necessárias para que a morada dos vivos, os fiéis, também fossem igualmente a morada dos mortos (GONÇALVEZ, 2005, p. 14).

As práticas de sepultamentos *Ad sanctos* apesar de predominante nas cidades como o Rio de Janeiro, Salvador e São Paulo, transferiu-se para a região amazônica. É a partir das práticas de sepultamentos feitas nos interiores de igrejas nos séculos XVIII e XIX que buscamos contribuir com o estudo de caso sobre a igreja da antiga Nova Mazagão datada do século XVIII, sítio arqueológico histórico conhecido como Mazagão Marroquina localizada no município de Mazagão, junto a atual Mazagão Velho, no Estado do Amapá.

Este projeto de Iniciação Científica tem como objetivo fazer uma correlação sobre o imaginário da comunidade de Mazagão Velho (figura 1) em relação aos remanescentes humanos encontrados na antiga igreja.

**ANAIS DO III ENCONTRO DE DISCENTES DE HISTÓRIA DA UNIFAP**  
**22, 23, 24 e 25 de agosto de 2017**  
**Macapá, Ap**



Figura 1: Localização da região de estudo. Mapa elaborado por Avelino Gambim Júnior.

Como se trata de um estudo inicial, procuramos indicar como o campo da morte é de interesse para diferentes disciplinas. Em seguida, buscamos mostrar a partir de três regiões distintas estudos feitos sobre o mesmo tema e procuro assinalar porque sepultar na igreja? Quem eram? Em seguida, apresento a antiga igreja de Mazagão Velho e a proposta que visa entender o imaginário da comunidade em relação ao objeto de estudo.

Procuramos neste artigo fazer um diálogo entre a História e a Arqueologia. Desta forma, a antiga igreja de Mazagão Velho será vista como um superartefato (LEONE & POTTER JR, 1998; NAJJAR, 2011, p. 72). Neste quesito, Najjar (2011, p. 72) defende que enxerguemos às igrejas como superartefatos em oposição a arqueologia feita somente a partir dos fragmentos. Como o ponto em questão visa entender os fenômenos associados aos sepultamentos no interior das igrejas e sendo estas vistas como cemitérios, adotamos o entendimento de Lima (1994, p. 87) sobre sítio arqueológico. Para a autora, enquanto sítios arqueológicos, os cemitérios são campos profícuos para pesquisa, pois possuem uma



diversidade de cultura material, além de apresentar fenômenos de dinâmica cultural e mudança social (LIMA, 1994, p. 87-88). Mas antes de entender o que Lima (1994) afirmou acima, é preciso compreender como o estudo sobre a morte tem sido campo de interesse de diferentes disciplinas.

## **HISTORIOGRAFIA DA MORTE**

O estudo sobre a morte inicialmente foi um campo privilegiado para a Filosofia. A morte pode ser considerada o tema precursor para o surgimento da Filosofia, pois conforme Sócrates a Filosofia seria uma “preparação para a morte”. Tendo como base as discussões de Sócrates, outro filósofo importante conhecido como Schopenhauer afirmou que “o homem vive de forma tranquila e é o conhecimento de sua existência e a percepção que se é infinito que o torna temente à morte”.

Schopenhauer faz a perspectiva de sua doutrina, ou seja, a Filosofia como consoladora na inevitabilidade do encontro com a morte. Será por natural, segundo o filósofo que todo homem deva urgir sobre questões pertinentes à morte, pois o lançar-se ao encontro dela é tarefa árdua, assim o diz Sêneca “Seja ela qual for, a vida deles é sobejamente abundante. Em razão disso tudo, quando chega o último dia, o sábio não vacila em caminhar para a morte com passo firme” (SÊNECA, 2007, p. 50).

A metafísica da vontade *schopenhauriana* é uma consolação filosófica contra a certeza que possuímos da morte. É, em especial em torno da consciência de morte que se dirige todos os sistemas religiosos, que assumem, portanto, como que um caráter amortecedor. Porém difere bastante, o grau em que tanto o sistema filosófico quanto o religioso irão alcançar, e ambos capacitam os seres humanos a mirarem de maneira convicta e segura a face da morte.

O indivíduo morre, contudo a espécie perdura. Visto a valência de oposição entre imortalidade da espécie e mortalidade do indivíduo, já que, a vida é a vida da espécie como um todo e o indivíduo vem a ser apenas um exemplar, um elemento desse todo que é a espécie, assim diz Schopenhauer “Um fluxo perpetuo da matéria através de uma forma que permanece invariável: do mesmo modo o indivíduo morre e a espécie não morre” (SCHOPENHEUER, 2001, p. 291). Não é num exemplar da espécie que a natureza e nem na vontade se interessam, pois para a natureza é completamente indiferente, a vida e a morte.

Na Antropologia, conforme De Pina Cabral (1984, p. 350), os estudos sobre a morte vão ganhar destaque entre as décadas de 40 e 50 ao ter como inspiração os trabalhos do *Année*



*Sociologique* e de Durkheim. O trabalho de maior relevância do *Année Sociologique*, foi o artigo publicado em 1907 intitulado *contribution à une étude sur la représentation collective de la mort* de Robert Hertz, um discípulo de Durkheim e Mauss (DE PINA CABRAL, 1984, p. 350). O artigo de Robert Hertz é considerado um clássico da literatura antropológica sobre o tema morte e inspiração para estudos posteriores na antropologia social (DE PINA CABRAL, 1984, p. 350).

Para De Pina Cabral (1984, p. 351), não é na Antropologia Social e sim na historiografia que os estudos sobre a morte ganham ímpeto para a renovação dos estudos da morte nas ciências sociais. Se comparado com a Antropologia Social e a Arqueologia, estas haviam mantido interesse no tema da morte, enquanto a historiografia por um determinado momento o tema da morte foi esquecido (DE PINA CABRAL, 1984, p. 351). É após a segunda Guerra Mundial que o tema da morte ganha força na historiografia contemporânea e publicações especializadas de historiadores proliferam no meio acadêmico (DE PINA CABRAL, 1984, p. 350).

Na segunda metade do século XX os historiadores dão um novo gás ao tema, com trabalhos que pensam a mudança do significado da morte para a sociedade aos longos dos anos e “o homem diante da morte”. O tema da morte passou a ser contemplado na terceira escola dos *Annales e a Nova História Cultural*, onde a primeira vem abordando sobre a abertura de novas temáticas para se estudar a história e a segunda traz como o homem cria representações para dar significado ao mundo.

A escola dos *Annales* e a *Nova História Cultural*, defenderam também que o conhecimento podia ser construído a partir do diálogo junto a outros campos do saber como a Filosofia, Sociologia, dentre outros. E nessa nova guinada, importantes historiadores como Roger Chartier, Philippe Ariés, Peter Burk, Michel Vovelle, entre outros tiveram papel fundamental (DE PINA CABRAL, 1984, p. 351-352; LIMA, 1994, p. 88).

Roger Chartier elaborou 8 ensaios que posteriormente se tornaram uma livro intitulado *História Cultural*. Na obra Chatier fala sobre sua insatisfação frente à escola cultural francesa da década de 60 e 70, além de defender uma abertura de novas fontes para a historiografia e o trabalho de forma interdisciplinar, principalmente entre a história junto a filosofia, sociologia e antropologia. E o mesmo defende que a *História Cultural* é importante para “identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma realidade social é construída, pensada,



dada a ler” (1968). Chatier exalta como as ações e hábitos podem dizer sobre determinada sociedade e que cada sociedade deve ser pensada a partir de suas peculiaridades.

Em âmbito nacional um dos nomes de peso que trabalha com a História Cultural é a autora Sandra Pesavento, que possui uma obra intitulada *História e História Cultural*. Nesta obra a autora faz sua análise a partir dos estudos dos precursores da História Cultural, onde cita Walter Benjamin, Paul Ricour, Michel Foucault, Carlo Ginzburg, entre outros. Para Pensavento a Nova História Cultural busca entender a cultura como algo construído pelo homem para se explicar o mundo, uma forma de expressão e tradução da realidade. Defende a interdisciplinaridade onde outras ciências podem contribuir nas análises históricas, entre elas Antropologia Cultural, Arte e Arqueologia.

### **AS PRÁTICAS DE SEPULTAMENTO ENTRE OS SÉCULOS XVIII A XIX**

No início da modernidade, entendendo-se aqui como o começo do século XVIII, os enterramentos eram feitos principalmente dentro e ao redor (extra-muro) das igrejas, sendo uma das formas principais de garantir a salvação da alma. Contudo, a atitude antiga deu lugar a uma nova atitude cristã que se preocupava com a salvação da alma e a “boa morte”. Desta forma, as igrejas eram consideradas verdadeiras necrópoles que apesar das proibições canônicas submetiam o direito de inumação a um pagamento, o que garantia ao defunto uma segurança e honra em um terreno sagrado.

Em contraposição à concepção religiosa de mundo do período medieval, quando os mortos eram enterrados extra-muro, ou seja, fora da cidade e do convívio com os vivos, essa repugnância causada pela morte e o alto poder de contaminação acarretou em leis que proibissem a chamada “*maculação da cidade pela morte*” conforme ressaltou o historiador Ariés (1981, 34-35). Conforme Lima (1994, p. 90), os chamados sepultamentos *ad sanetos* feitos dentro e adjacentes às igrejas passaram a ser combatidos, pois era considerados prováveis fontes de infecções e epidemias, o que fez surgir uma forte relação de causa e efeito entre os cadáveres e a proliferação de doenças.

No Brasil, os sepultamentos dentro das igrejas perduraram até o século XIX, pois na Europa, principalmente na França, uma forte política médico-higienista contestou os enterros praticados dentro das igrejas, ao dizer que os odores e gases liberados pelos defuntos disseminavam doenças (LIMA, 1994). Além disso, havia uma preocupação com a reconfiguração dos espaços citatins públicos da época ligados a melhorias assépticas para a



cidade, vindo a contribuir para que os enterros feitos nas igrejas fossem realizados para cemitérios privados.

Mas afinal, quem eram sepultados nos interiores das igrejas?

Para os autores Bellomo (1998) e Reis (1997), existe um equívoco na frase que *a morte iguala os homens*, sendo a igualdade visto só no discurso, pois na prática a morte acentuaria as diferenças sociais. Para esses autores, as igrejas, os cemitérios e seus monumentos acabavam por reproduzir a geografia da sociedade, pois nesses espaços seria possível visualizar distinções de classes sociais que residiriam nas concessões de túmulos localizados até o exterior das igrejas (BELLOMO, 1998; REIS, 1997).

Além disso, é consenso nas pesquisas sobre sepultamos nas igrejas e cemitérios, que a organização destes espaços destinados aos mortos reflete espetacularmente o mundo dos vivos, sendo lugares de profícua reprodução simbólica do universo social e de valores de uma sociedade (BELLOMO, 1998; LIMA, 1994; REIS, 1997).

Lima (1994) e Cymbalista (2002) deixam nas entrelinhas como as pessoas com boas condições financeiras tentam levar todo o aspecto luxuoso da sociedade para a construções dos túmulos. Para os menos favorecidos financeiramente restavam fazer réplicas dos túmulos mais pomposos com materiais mais acessíveis ou fazer túmulos que fossem mais condizentes com sua realidade social. Cymbalista (2002) destaca que essa divisão social dos ritos funerários é algo que foi transferido das igrejas, onde as pessoas com alto poder aquisitivo eram sepultadas em lugar de destaque e para as pessoas menos favorecidas financeiramente restavam as escadarias das igrejas.

E sobre essa realidade social nos ritos funerários é necessário destacar dois pontos. Em primeiro lugar o alto escalão da igreja católica proibia que se cobrasse pelo local onde as pessoas seriam enterradas. Porém, Cymbalista (2002) expõe como os párocos usavam das artimanhas para contornar tal proibição, de maneira que aconselhavam que as pessoas antes de morrer deixassem em testamento uma “esmola” para a igreja. Outro ponto importantíssimo é que não podemos generalizar que apenas as pessoas com bom poder aquisitivo eram enterradas em locais mais prestigiados da igreja, uma vez que há casos de pequenos camponeses ou mesmo negros escravos que eram enterrados em locais de prestígio, sendo portanto as poucas exceções.



O trabalho de restauração da Catedral Metropolitana de Porto de Alegre possibilitou a Meirelles (2016) uma rica pesquisa arqueológica. Durante as escavações da Cúria metropolitana, dentro deste espaço foram registrados sepultamentos que estavam lado a lado. A Cúria Metropolitana de Porto Alegre serviu como antigo cemitério paroquial durante oitenta anos, entre 1770 à 1850. A partir de sua análise de campo foi possível chegar a informações sobre algumas práticas funerárias realizadas naquela sociedade durante o período de uso do cemitério.

Em São Luís (1854-1856), segundo Coe (2007) as igrejas serviam como lugares para sepultar pessoas. No entanto, as normas sanitaristas obrigaram deixar de enterrar seus mortos nos templos religiosos e passam a fazê-lo em um “local mais adequado”, os cemitérios. O autor ressalta a forte resistência por parte da elite e dos chefes dos templos em aceitar tais mudanças, onde mesmo após decretos ainda havia relatos de pessoas influentes sendo enterradas no interior das igrejas (COE, 2007).

Cymbalista (2002) abordou questões das mudanças nas práticas funerárias. O autor analisou os cemitérios do oeste Paulista observando as mudanças que ocorreram entre fins do século XVIII à metade do XIX (CYMBALISTA, 2002). Intitulando seu trabalho de Cidade dos Vivos, Cymbalista tratou desde as mudanças nos rituais pós-morte, onde as pessoas deixaram de ser enterradas no interior da igrejas, até à construção de signos e simbologias que firmaram o cemitério como um lugar para os mortos.

Cymbalista (2002) destaca que apenas as pessoas que tinham uma condição de vida nobre eram enterradas dentro das igrejas, sendo os menos favorecidos enterrados nas escadarias. E embora a igreja não pudesse cobrar para que as pessoas fossem enterradas no seu interior, os padres aceitavam as “esmolas” dos defuntos e escolhiam o lugar de seu sepultamento (CYMBALISTA, 2002). Após a mudança para os cemitérios, as pessoas aproveitaram para construir grandes monumentos em honra do seu ente-querido, pois não havia regulamento que regesse as obras tumulares (CYMBALISTA, 2002).

### **A IGREJA DE MAZAGÃO VELHO E O IMAGINÁRIO DA COMUNIDADE**

No Norte da África, várias colônias portuguesas estavam sob o domínio dos inimigos (ALBUQUERQUE, 2007). Entre os séculos XVII e XVIII, somente a cidade de Mazagão permaneceu como parte do sonho lusitano no Marrocos (ALBUQUERQUE & LUCENA, 2004). Desde a fundação pelos portugueses de Mazagão, durante duzentos e cinquenta anos,





essa cidade foi alvo constantes ataques liderados pelos árabes (ALBUQUERQUE & LUCENA, 2004).

Durante o reinado de D. José, a política portuguesa passou por uma reviravolta (ALBUQUERQUE & LUCENA, 2004). Em decorrência dos constantes conflitos que envolviam Mazagão e a política que buscava intensificar o povoamento das fronteiras das colônias americanas, que visava garantir as reservas de ouro que vinham sendo exploradas na região (ALBUQUERQUE & LUCENA, 2004). Como parte da política de governo de Francisco Xavier de Mendonça Furtado (governador do Grão-Pará entre 1751-1758), cerca de 60 vilas e povoados foram estabelecidos no Grão Pará (ALBUQUERQUE & LUCENA, 2004; ALBUQUERQUE, 2007).

Nos meados do século XVIII, se tornou difícil arremeter colonos voluntários para povoar as colônias americanas sob o domínio português (ALBUQUERQUE & LUCENA, 2004, 2010). A saída encontrada foi transplantar para a América a Mazagão marroquina e implantá-la na região amazônica (ALBUQUERQUE & LUCENA, 2004). Cerca de cento e sessenta e sete famílias vieram para a então Nova Mazagão, sendo importante destacar que sua prosperidade pode abastecer principalmente a cidade de Belém (ALBUQUERQUE, 2007).

Conforme Albuquerque (2007), a Vila Nova de Mazagão eram basicamente conhecida a partir da documentação textual. Nesse quesito, a escavação arqueológica que buscava indícios dessa Nova Mazagão ( a Mazagão Marroquina) e prospecção dos seus arredores revelou junto as ruínas da antiga igreja e escavação da mesma, fragmentos de louças e outros artefatos, além dos materiais de construção da igreja que permitiram observar as técnicas construtivas e observar seu traçado que a situam em uma cronologia relativa que vai desde o século XVIII ao século XIX, além é claro dos remanescentes humanos enterradas no interior da igreja os objetos encontrados junto aos sepultamentos.

As escavações das ruínas dessa antiga igreja (figura 2) revelaram que teria sido utilizada para sepultamentos tanto primários como secundários (Albuquerque, 2006) enterrados nos intramuros da igreja, uma prática comum na época. Junto aos remanescentes humanos escavados foi possível identificar materiais associados aos sepultamentos, como botões, broches e medalhões de metal. Desta forma, uma cronologia pode ser registrada, entre a segunda metade do século XVIII até a primeira metade do século XIX.

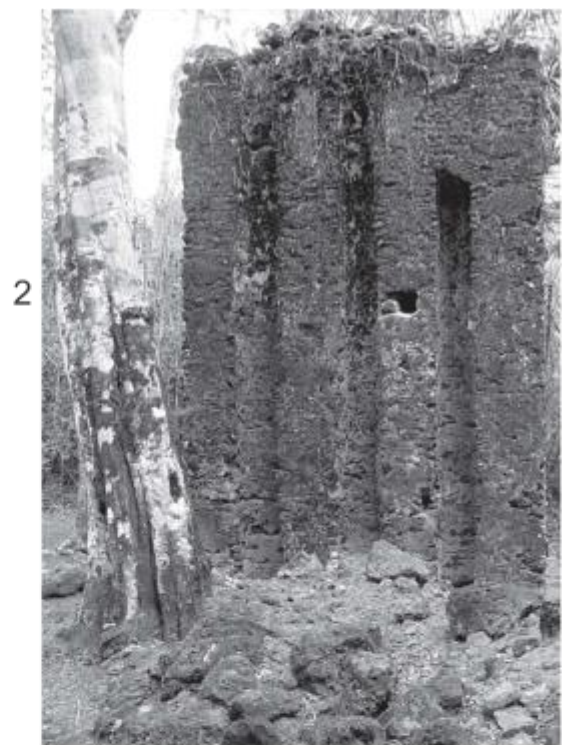
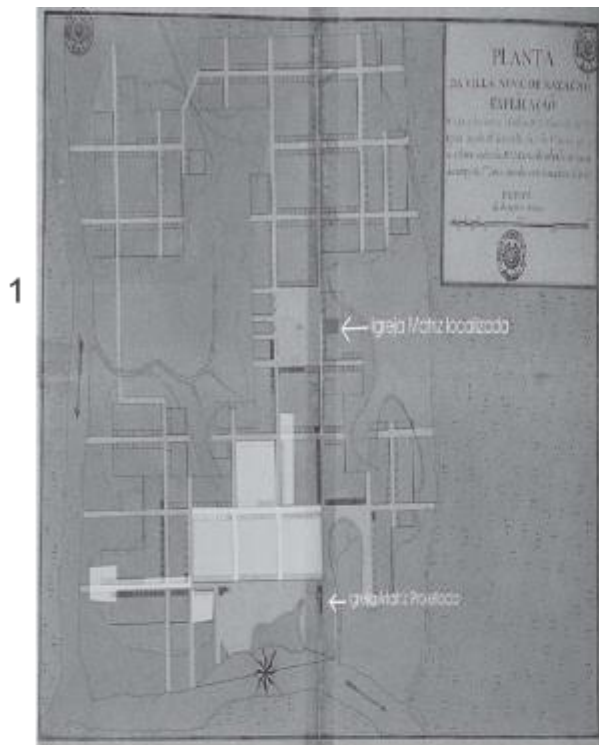


Figura 2: Imagens de Mazagão Velho. 1- Planta com assinalação da posição da Matriz no projeto e a posição das ruínas localizadas, 2-ruínas da antiga igreja da Mazagão Velho, 3- área da nave da igreja, 4- parte de um dos sepultamentos encontrados durante a escavação da antiga igreja. Fonte: Albuquerque & Lucena, 2010, 2014.



Albuquerque (2006) alertou que foram identificados ainda sepultamentos mais recentes já do início do século XX (quando a igreja já estava totalmente em ruínas), o que corrobora com a memória de alguns mazaganenses sobre a área ser utilizada como cemitério. No trecho retirado do artigo de Albuquerque e Lucena (2010) fica evidente a relação do imaginário da comunidade deste lugar em relação aos sepultamentos encontrados na área da antiga igreja:

*“As ruínas são identificadas pela tradição popular como de uma antiga igreja, a primeira da Vila de Mazagão. Abandonada, a igreja teria entrado em ruína e desabado parcialmente. De alguma forma restou no inconsciente coletivo uma associação entre o local da antiga igreja e a presença de sepultamentos, o que conferia ao local uma aura de mistério e um certo temor por parte de alguns moradores”* (ALBUQUERQUE & LUCENA, 2010, p. 492).

É a partir da relação do imaginário da comunidade de Mazagão Velho junto a antiga igreja que este estudo pretende trazer contribuições. Serão adotados como métodos utilizados na pesquisa, a chamada história oral. Conforme o CPDOC<sup>3</sup>, a metodologia de pesquisa da História oral consiste em realizar entrevistas gravadas com pessoas que podem testemunhar sobre determinados acontecimentos ou outros aspectos da História contemporânea.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como se trata de uma pesquisa inicial, procuramos destacar neste artigo a importância dos estudos sobre a morte e as práticas de sepultamento no interior das igrejas no cenário nacional e inserindo a História da comunidade de Mazagão Velho. Desta forma, a perspectiva adotada visou primeiramente apresentar o contexto macro para o micro, o que permite mapear historicamente o tema de estudo. A partir da bibliografia consultada é possível indicar que os estudos sobre a morte podem trazer contribuições importantes ao apresentar os modos como uma sociedade se comporta em um determinado período histórico. Esta pesquisa busca dessa forma através da análise do superartefato- a antiga igreja de Mazagão Velho- uma forma de entendermos a relação das pessoas com a mesma através da sua história local e de suas relações de memória quanto aos seus antepassados.

---

<sup>3</sup> Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, M. Remanescentes materiais do Período Pombalino no Amapá. ARC-Revista Brasileira de Arqueometria, Restauração e Conservação, v. 1, n. 6, p. 313-319, 2007.

ALBUQUERQUE, M & LUCENA, V. Arqueologia Amazônica. O potencial arqueológico dos assentamentos e fortificações de diferentes bandeiras. Arqueologia Amazônica, v. 1, p. 461-511, 2010.

ALBUQUERQUE, M & LUCENA, V. Prospecção Arqueológica em Mazagão Velho. Prospecção Arqueológica em Mazagão Velho, Relatório final, 2014.

ARIÈS, P. O homem diante da morte (vol. I). Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981.

BELLOMO, H. R. A estuaria funerária de Porto Alegre (1900-1950). Porto Alegre. Tese de Mestrado. Departamento de História-PUC-RS, 1998.

CHARTIER, R. A História cultural: entre práticas e representações. Trad. De Maria Manuela Galhardo. Lisboa: Difusão Editora, 1988

COE, A. J. H. As epidemias e a morte: mudanças nas práticas de sepultamento em São Luís na segunda metade do século XIX (1854 – 1856). Revista Outros Tempos, Vol 4. 2007

CYMBALISTA, R. A cidade dos vivos: arquitetura e atitudes perante a morte nos cemitérios do estado de São Paulo. Editora Fapesp; 2002.

DE PINA CABRAL, J. A morte na Antropologia Social. 1984.

HERTZ, R. Contribution à une étude sur la représentation collective de la mort. L'Annee Sociologique, p. 1897-1924, 1907.

LEONE, M. P & POTTER JR. P. B. The recovery of meaning: Historical Archaeology in eastern United States. Washington: Smithsonian Institute Press, 1988.

LIMA, T. A. De morcegos e caveiras a cruzeiros e livros: a representação da morte nos cemitérios cariocas do século XIX (estudo de identidade e mobilidade sociais). Anais do Museu Paulista, p. 87-150. 1994.



MEIRELLES, P. M. Escavando um cemitério oitocentista em Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil. Revista M. Vol. 1, 2016.

NAJJAR, Rosana. Para além dos cacos: a Arqueologia Histórica a partir de três superartefatos (estudo de caso de três igrejas jesuíticas). Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas, v. 6, n. 1, p. 71-91, 2011.

PESAVENTO, S. J. História & história cultural. Autêntica, 2003.

REIS, J. J. A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do Século XIX. Companhia das letras: São Paulo, 1997.

SÊNECA. A brevidade da vida. São Paulo: Editora Escala, 2007.

SCHOPENHAUER, A. O mundo como vontade e representação. Rio de Janeiro: Contraponto, 2001.

SCHOPENHAUER, A. Da morte, Metafísica do amor, Do sofrimento do mundo. São Paulo: Martin Claret, 2008.